

A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA A PARTIR DA FANPAGE SP INVISÍVEL NO FACEBOOK

The literary experience from using SP INVISÍVEL fanpage in Facebook

La experiencia literaria a partir de la fanpage SP INVISÍVEL en el Facebook



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Daniele Prates Pereira^{*1}, Ariana Regina Storer Brunieri¹

¹Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Foz Iguaçu, Brasil.

**Correspondência: Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE - Av. Tarquínio Joslin dos Santos, n.º 1300 - Pólo Universitário - Bloco A - Sala 01, Foz do Iguaçu CEP: 85870-650*

Artigo recebido em 08/03/2018 aprovado em 19/09/2018 publicado em 30/09/2018.

RESUMO

A estética continua a ser um elemento importante para a Arte e a Literatura, e se caracteriza pela busca da construção estética de experiência para os sujeitos inseridos no universo ficcional ou narrativo. O objetivo da discussão que propomos traça um debate sobre as produções literárias, coletâneas, e relatos apresentados em um modelo que não é mais o livro, mas tem como *locus* o ciberespaço e as redes sociais. Observamos a página SP Invisível, que se retrata como um movimento que divulga histórias dos invisíveis (moradores de rua) que possam contrastar com modos de vida de pessoas distantes dessa experiência. As histórias são também contadas no *website* SP Invisível, e o grupo acabou produzindo, a partir delas, um livro. Contudo, a experiência literária foi iniciada a partir de uma estética peculiar, das postagens neste ambiente de interações cibernéticas. Discutimos então a estética, a narrativa, o gênero digital e, na sequência, apresentamos esta forma de construção de obra literária e de coesão do conteúdo partindo da experiência narrativa da fanpage SP Invisível no *Facebook*.

Palavras-chave: Experiência literária; SP Invisível; ciberespaço.

ABSTRACT

Aesthetics continues to be an important element for Art and Literature, and is characterized by the search for the aesthetic construction of experience for the subjects inserted in the fictional or narrative universe. The objective of the discussion that we propose traces a debate about the literary productions, collections, and reports presented in a model that is no longer the book, but has as locus the cyberspace and the social networks. We see the page SP Invisible, which is portrayed as a movement that discloses stories of the invisible (street dwellers) that can contrast with ways of life of people distant from this experience. The stories are also told on the SP Invisible website, and the group eventually produced a book. However, the literary experience was initiated from a peculiar aesthetic, from the postings in this cybernetic interaction environment. We then discuss the aesthetics, the narrative, the digital genre and, in the sequence, we present this form of construction of literary work and cohesion of the content starting from the narrative experience of the fanpage SP Invisível on Facebook.

Keywords: Literary experience; SP Invisível; cyberspace.

RESUMEN

La estética sigue siendo un elemento importante para el Arte y la Literatura, y se caracteriza por la búsqueda de la construcción estética de experiencia para los sujetos insertados en el universo ficcional o narrativo. El objetivo de la discusión que proponemos traza un debate sobre las producciones literarias, colecciones, y relatos presentados en un modelo que ya no es el libro, sino que tiene como locus el ciberespacio y las redes sociales. Se observa la página SP Invisible, que se retrata como un movimiento que divulga historias de los invisibles (habitantes de la

calle) que puedan contrastar con modos de vida de personas distantes de esa experiencia. Las historias son también contadas en el sitio web *SP Invisible*, y el grupo acabó produciendo, a partir de ellas, un libro. Sin embargo, la experiencia literaria se inició a partir de una estética peculiar, de las posturas en este ambiente de interacción cibernética. Discutimos entonces la estética, la narrativa, *El género digital* y apresentamos la forma de construcción de la obra literaria y su contenido partindo de la experiencia narrativa de la fanpage *SP Invisível em Facebook*.

Descriptor: Experiencia literaria; *SP Invisível*; ciberespacio.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se nas discussões acerca da Estética e da narrativa, e a interrelação e integração entre ambas quando pensamos na Literatura. A análise foi construída a partir do olhar para a fanpage *SP Invisível*, na rede social *Facebook*, como experiência estética literária. Para tanto, importante construir esta introdução com uma reflexão sobre estética e narrativa, a fim de adentrar no debate munidos de um panorama teórico.

Inicialmente, a Estética era a área de estudos da Filosofia e buscava compreender a beleza - o belo - tanto na Natureza quanto na Arte. Segundo Suassuna (2008, p. 21 e SS.), os teóricos pós-kantianos passaram a questionar a Filosofia do belo, afinal, se existia o cômico nas Artes, este não se enquadrava na concepção de belo. Assim, a Estética passou a se referir a um campo geral de estudo e experiência por artistas e pensadores como o trágico, o gracioso, o risível, o harmonioso, entre outros. Embora Suassuna compreenda o conteúdo da Estética de forma ampla a partir dos autores pós-kantianos, utiliza-se de alguns pressupostos de Kant para pensar a experiência estética:

[...] A beleza é, assim, não uma propriedade do objeto, mas uma certa construção que se realiza dentro do espírito do contemplador, uma certa harmonização de suas faculdades. Entre estas, destacam-se a imaginação e o entendimento, e a harmonização entre elas é governada pelo sentimento de prazer ou desprazer. A beleza de um objeto não decorre, então, de qualidades do objeto: é obra pura e exclusiva do espírito do sujeito, que a fabrica interiormente, diante do objeto estético. [...] (SUASSUNA, 2008, p. 31).

O autor desloca o sentido estético do objeto para o sujeito em contato com o objeto, por isso preferimos utilizar o termo experiência estética. Dessa forma, a arte pode proporcionar aos sujeitos diferentes experiências estéticas, porque a harmonização e o entendimento fazem parte da contemplação de cada um. Assim, a experiência estética demanda a contemplação holística do objeto artístico, a visão do todo. Na unicidade do ato da contemplação começa-se a estabelecer sentido, enxerga-se a beleza ou não, e no ato de olhar constrói-se o objeto.

A arte então é tudo aquilo que pode proporcionar uma experiência estética e sensível. É a atividade de artistas partindo de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de “estimular esse interesse de consciência em um ou mais espectadores. [...]”. A arte está ligada à estética, porque [...] cria beleza ao se esforçar por dar expressão ao mundo material ou imaterial que o inspira.” (SIGNIFICADOS, 2017, online).

A experiência estética da arte é tão presente na sociedade que a construção de cada um pode proporcionar diferentes experiências estéticas, e que a estética artística pode colocar em ênfase ou questionar nossos modelos e visões de mundo:

[...] a arte não se contenta em estar presente, pois ela significa também uma maneira de representar o mundo, de figurar um universo simbólico ligado à nossa sensibilidade, à nossa intuição, ao nosso imaginário, aos nossos fantasmas. É este seu lado abstrato. Em suma, a arte ancora-se na realidade sem ser plenamente real, desfraldando um mundo ilusório no qual, freqüentemente - mas não sempre - julgamos que seria melhor viver do que viver na vida cotidiana. (JIMENEZ, 1999, p 10)

Concordamos com Jimenez (1999) que a arte representa o mundo por meio de uma realidade simbólica, bem como os sujeitos também constroem sua realidade e sua narrativa discursiva ancorados em um imaginário simbólico. O autor ainda tece a crítica em relação às discussões sobre a estética – atualmente, coloca, a Arte passa por uma crise de legitimação; os artistas são acusados de displicência e favorecem o desaparecimento dos valores ligados à beleza, à harmonia, ao equilíbrio.

Esta crise de legitimação afeta a própria arte em sua essência, e a impossibilidade de dizer o que ela é ou o que não é nem mesmo permite mais responder a esta pergunta, que, contudo, é primordial: quando existe ou não existe arte? (JIMENEZ, 1999. p. 14).

Difícil realmente categorizar a arte ou limitá-la a um conceito; pensamos a arte, para este trabalho de pesquisa a partir da experiência estética que uma produção pode proporcionar aos sujeitos que com ele interagem. A literatura então pode ser considerada um elemento artístico – busca harmonizar as palavras de forma sonora, sintática e semântica, e constrói sentidos por meio de narrativas capazes de representar valores culturais, criação de universos ficcionais e registrar memórias e costumes de épocas, regiões e grupos sociais.

A narrativa faz parte de quem escreve, mas é lida e apropriada pelo leitor a seu modo, permeada por percepções únicas. Para Bakhtin “O homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade”. (BAKHTIN, 2003, p. 349), e nesta participação vai construindo ou renovando suas próprias percepções da realidade. Para falar em narrativa, necessário em primeiro lugar distingui-la de narração. O que define o componente narrativo do texto é a mudança de situação, a transformação. A narrativa é entendida como “[...] uma mudança de estado operada pela ação de uma personagem. Mesmo que essa personagem não apareça

no texto, está logicamente implícita.” (SAVIOLI e FIORIN, 2000, p.227).

Um texto narrativo não tem uma mudança apenas. São várias transformações. A narrativa típica apresenta, implícita ou explicitamente, quatro mudanças de situação, sejam elas de aquisição ou de perda: a) uma em que a personagem passa a ter um querer ou um dever, um desejo ou uma necessidade de fazer algo; b) um em que ela adquire um saber e um poder, isto é, a competência necessária para fazer algo; c) uma que é a mudança principal da narrativa, a realização daquilo que se quer ou se deve fazer; d) uma em que se constata que a transformação principal ocorreu e em que se podem atribuir prêmios ou castigos às personagens. (SAVIOLI e FIORIN, 2000, p.228).

A narrativa se desenvolve em torno de um enredo, nome que se dá a sequência dos fatos. A partir do enredo chega-se ao tema, o motivo central do texto. No mesmo sentido, Jauss citado por Assini (2017, p. 04-05) afirma que a experiência estética não é medida pela compreensão e interpretação da obra, ou pela compreensão da intenção do autor com a mesma; a experiência estética está na fruição compreensiva, no resultado do entrecruzamento de paradigmas entre as narrativas discursivas do autor e do leitor, no efeito causado.

Importa, então, neste estudo, uma análise relacionada à experiência estética que o enredo, a forma de apresentação e a leitura da fanpage SP Invisível podem proporcionar enquanto obra literária diversa do livro.

Gênero literário e Gênero digital

Para pensar a estética das obras literárias, sejam livros ou outras formas de expressão, é fundamental compreender sua estruturação e forma como enunciados. Os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por

um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade.

O gênero estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana e refletem suas condições específicas e finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação.

Os gêneros literários são grupos em que as produções literárias podem ser distribuídas segundo critérios variados, como discursivos, contextuais, formais, ou semânticos. A proposta de dividir as produções literárias em blocos foi inicialmente realizada por Aristóteles, na Grécia Antiga. Segundo Espeschit (2007, online). Para Aristóteles, o gênero literário poderia ser dividido em três:

[...] o gênero dramático, que seria a palavra representada, os textos destinados a representação cênica, na forma de tragédia ou comédia; o gênero épico, a palavra narrada, a narração de fatos grandiosos, centrados em sua maioria na figura de um herói; o gênero lírico, a palavra cantada, os textos de caráter emocional, centrados na subjetividade dos sentimentos da alma de quem os escreve. Todos eles devidamente estruturados como tal. Os outros enunciados ou tipos de texto seriam então classificados como não literários. (ESPESCHIT, 2007, online).

Contudo, para o autor, as discussões de gênero literário foram se expandindo e, com as contribuições de Bakhtin, com a Linguística moderna, as mais variadas formas de produção textual foram sendo recepcionadas como Literatura. Espeschit assim se refere às teorizações de Bakhtin:

Vê-se o enunciado como uma unidade real de comunicação discursiva, que apresenta variações de acordo com o uso da linguagem em seu contexto situacional comunicativo. Tais enunciados devem refletir as condições específicas e as finalidades de cada referido campo situacional não somente pelo

seu conteúdo temático ou pelo seu estilo de linguagem, mas também pela seleção de palavras, frases e recursos gramaticais da língua, de forma que a mensagem seja transmitida e compreendida. Os gêneros para a teoria de Bakhtin são tipos relativamente estáveis de enunciados, marcados sócio-historicamente, que se relacionam diretamente com a sua situação social. (ESPESCHIT, 2007, online).

Assim, muitas formas de discursos podem ser representadas nas obras literárias, e até mesmo vários desses discursos em uma mesma obra. Independentemente da classificação dos gêneros literários, preocupamo-nos aqui com o estudo dos enunciados narrativos, mais especificamente com narrações presentes no ciberespaço, na internet, nas redes sociais, estilo que muitos autores têm chamado de gênero digital. Enquanto alguns estilos narrativos foram sendo abandonadas pelos autores, outras maneiras de escrever e ler foram surgindo, até mesmo pela emergência de ferramentas alternativas de comunicação e interação mediadas pela tecnologia - como é o caso de *blogs*, *chats*, *websites*, *podcats*, e redes como o *facebook*, *wikispaces*, entre outros.

A internet configura-se um espaço aberto para troca de experiências, construção de conhecimentos, discussões compartilhadas, novas perspectivas de aprendizagem, ou seja - um ambiente virtual de socialização que proporciona através dos gêneros do discurso, oportunidades de aprimorar conhecimentos, contatar informações e contribuir com diversos grupos e pessoas. Os gêneros digitais ganharam público de todas as idades. Não contemplá-los, na escola, no trabalho, onde quer que seja, é no mínimo não acompanhar as práticas sociais, distanciando-se dos sujeitos.

De acordo com Carvalho (2008) as narrativas digitais são construídas e produzidas num processo com o caráter contemporâneo dos recursos audiovisuais e tecnológicos, transformando o exercício de contar histórias em uma prática próxima da realidade dos sujeitos. Os hipertextos são formas

dinâmicas e flexíveis que facilmente dialogam com outros meios semióticos e que, “[...] ao serem lançados na tela de um computador, conectado em rede, são disponibilizados aos navegantes do oceano digital”. (MARCUSCHI e XAVIER, 2005, p.171).

A partir do uso dos espaços sociais digitais as pessoas interagem e colaboram com colegas e até estranhos de várias partes do mundo; por exemplo, se os usuários necessitam aprender um pouco da língua inglesa, alguns comandos, ler, pois para escrever é preciso que se leia, são processos indissociáveis. Utilizando-se das *webcams* aprendem a ouvir e, desenvolvem a compreensão oral e vão desenvolvendo habilidades nestas interações virtuais. Da mesma forma, pensando em uma experiência literária, em alguns momentos partindo-se das *fanpages*, surge a necessidade de ganhar as páginas dos livros literários, da velocidade das redes virtuais, encontra-se o momento de registrar os rostos dos personagens em páginas das obras de papéis – é o caso da SP Invisível, objeto de nosso estudo.

Veículos de gêneros de discurso literários distintos (livro e *fanpage*), mas que contam histórias de pessoas invisíveis, de pessoas que foram fotografadas, suas vidas contadas e hoje ganham visibilidade em redes virtuais e obras literárias.

Pelo contato com a obra literária – o livro – o leitor estabelece o seu tempo, sua maneira, e o aprecia, lê as imagens, vira as páginas quando quer, fecha o livro, sente as emoções, e vai vivenciando a experiência à medida que vai se permitindo ler cada palavra do texto. O livro literário é uma experiência que não quer apenas dizer o mundo, mas quer recriá-lo nas palavras, de forma que, nele, importa não só o que se diz, mas também o modo como se diz. A mensagem literária é autoconcentrada, isto é, o autor procura recriar certos conteúdos na organização da expressão.

A experiência literária do contato com a obra, com a figura impressa e com a atemporalidade que este material possui, é familiar, ainda que acostumados com o universo digital. Mas como esta experiência e forma de produção literária são diferentes, quando construída na plataforma digital, mesmo possuindo conteúdos similares ao do livro?

A *fanpage* SP Invisível

A SP Invisível é uma *fanpage* construída dentro da plataforma online conhecida como *Facebook*, rede social em que os usuários conectam-se por meio de seus perfis a amigos, conhecidos, parentes ou, às referidas *fanpages*. A palavra *fanpage* refere-se a página de fãs, ou de sujeitos que curtem determinado conteúdo ou instituição que representam. Existem várias delas, desde revistas e jornais, como celebridades e políticos.

A rede social *Facebook* possibilita a interação entre os sujeitos. Na realidade contemporânea, as formas de interação foram catalisadas pelo acesso dos sujeitos aos instrumentos tecnológicos de mediação da comunicação. Os ambientes em que os sujeitos interagem, comunicam-se e constroem suas experiências ultrapassam fronteiras físicas/materiais – as mídias, especialmente a tecnologia digital proporcionaram interações em realidade virtual, que continuam sendo reais. (SANTAELLA, 2008, p.119).

As páginas da *web*, os *e-mails*, as redes sociais, são todos elementos que caracterizam as novas formas de interação social neste espaço transfronteiriço, o ciberespaço:

[...] nome genérico para se referir a um conjunto de tecnologias diferentes, algumas familiares, outras só recentemente disponíveis, algumas sendo desenvolvidas e outras ainda ficcionais. Todos têm em comum a habilidade para simular ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir. Alguns usam a expressão “comunicação mediada por computador” para designar o mesmo conjunto de fenômenos. Outros tomam ciberespaço como sinônimo de realidade virtual (RV) (SANTAELLA, 2008, p. 97).

Para Levy (1999, p. 17), o ciberespaço não é apenas a infraestrutura material a comunicação digital, mas o universo de dados que este abarca, bem como os sujeitos que o alimentam e constroem. O autor afirma que a cibercultura é então, o conjunto de práticas e comportamentos que se desenvolvem no ciberespaço.

O uso da internet proporcionou uma organização social em rede. A rede serve como metáfora para compreender as formas de conexão de um grupo social, partindo das ligações entre seus participantes. A rede social é uma plataforma construída na internet, que molda um ambiente cujas intenções dos participantes são a interação e socialização. O *Facebook* é uma destas redes sociais em que cada sujeito pode se expressar (postar suas opiniões, vídeos ou fotos, ou compartilhar conteúdos em sua linha do tempo), informar-se (seguir páginas de conteúdos que lhe interessem), entre outras atividades como compra, venda, troca de produtos em classificados; troca de experiências em grupos; acesso a vídeos, *blogs* ou outros conteúdos. Dentro desta rede, interessa então a *fanpage* SP Invisível. A página assim se descreve: ‘O SP invisível é um movimento que visa abrir os olhos e a mente através das histórias dos invisíveis para motivar as pessoas a terem um olhar mais humano’.

Em entrevista a Viana (2016, online), Vinícius Lima, um dos fundadores do SP Invisível, explicou que inicialmente ele e alguns amigos tiravam fotos da cidade de São Paulo e postavam na rede *Instagram*, utilizada para divulgação de imagens. Começaram a perceber que na referida rede todo mundo postava fotos de bichinhos de estimação, imagens de festa, viagens e que aquilo não seria o reflexo da vida real. Passaram a postar então fotografias da cidade, com acidentes, lixo, para desestabilizar, de acordo com Vinícius, a rotina dos seguidores da rede com suas fotos “fofas”. Nestas imagens notaram que frequentemente apareciam moradores de rua, e que

estes também se tornavam muitas vezes invisíveis às pessoas. Pensaram então em descobrir e contar a história destes homens e mulheres.

As histórias são contadas em primeira pessoa, pelas mãos de Vinicius Lima e André Soler em perfis nas redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Youtube*. Os colegas criaram também um *website* do coletivo SP Invisível. O *website* divulga o projeto como um convite a olhar São Paulo de forma humana e conhecer histórias de pessoas que fazem parte desta cidade, entre trabalhadores comuns, artistas e moradores de rua. No *website* Ideia Fixa (online), Vinicius esclarece que muitas pessoas se tornam invisíveis aos olhos dos outros na realidade atual, porém, o que o site e as postagens nas redes buscam é mostrar que invisíveis mesmo são as histórias. “Ninguém para pra pensar que por trás de cada um tem uma história”.

A maioria dos entrevistados é vista e conhecida no momento da entrevista. Alguns contam a história e não querem fotos, outros nem isso. Em comentários em algumas imagens no *Facebook* foi explicitado que os moradores de rua são bastante sazonais e que nem sempre um morador fotografado, filmado, e contou sua história foi encontrado novamente para receber qualquer retorno da página, e que este também não é seu objetivo: o foco é dar visibilidade ao que não é visível aos olhos do cotidiano. Assim surgiu a *fanpage* SP Invisível, a partir de março de 2014.



Imagem 01: Fotografia inicial. Fonte: SP Invisível, 2014.

A imagem inicial da fanpage tem como legenda “Você vai saber quem eu sou de verdade”. A frase tem sentido duplo, fazendo referência ao sujeito que aparece na imagem, que posteriormente vai contar sua história, como uma forma de gerar no leitor uma expectativa; bem como à cidade de São Paulo, desconhecida a partir destas diferentes experiências.

Algumas das histórias postadas na internet foram selecionadas pelo coletivo e se transformaram em livro.



Imagem 02: Capa. Fonte: SP Invisível, *online*.



Imagem 03: Livro. Fonte: Jovem Pan, 2017, *online*.

Vinícius e André são coautores do livro “A Cidade que Ninguém Vê”, que conta com histórias escolhidas entre as que foram ouvidas, documentadas ou postadas na *fanpage* do *Facebook*. O livro também contou com o suporte dos seguidores da página nas redes sociais e de seus contatos, que divulgaram e apoiaram o projeto por meio do financiamento coletivo, que, segundo a rádio Jovem Pan (2017), uniu 874 pessoas e totalizou cerca de 99 mil reais para a publicação. Os autores informam no *website* que o livro é mais uma forma de divulgar as histórias invisíveis, e que os valores arrecadados auxiliam o coletivo SP Invisível a continuar com a realização da proposta de tornar visível as histórias de alguns dos moradores de rua de São Paulo.

A *fanpage* contava com 377.122 (trezentos e setenta e sete mil e cento e vinte e dois) seguidores, 39 (trinta e nove) vídeos postados entre entrevistas, agradecimentos e campanhas; e 786 (setecentos e oitenta e seis) postagens de fotos com histórias de vida de moradores de rua (até a data de 18 de setembro de 2017).

Narrativas autobiográficas: dando voz aos moradores de rua

Para Soares (2017, *online*) a vida social dificilmente aparece em narrativas históricas, porque é feita de miudezas, de pequenos fazeres e acontecimentos, de banalidades, repetições e

experiências. Falar sobre estas miudezas, como coloca a autora, é o que coloca o mundo, a vida, a realidade mais próxima de nós, e nos faz reconhecer nossa humanidade.

Narrativas pessoais não estão "prontas"; são trabalhos minuciosos de composição: é preciso escolher o ângulo, as palavras, os melhores enredos, o ritmo mais adequado pra que de fato ela seja capaz de se conectar com o outro. Se a arte pressupõe que exista um trabalho de transformação, humanizador e crítico, não consigo encontrar uma justificativa que me diga que essas narrativas não possam ser chamadas como tal. [como literatura] Porém, amo mais ainda dizer que não faz diferença que isso seja ou não chamado de arte ou literatura, pois o que importa é o quanto entrar em contato com esse tipo de história pode ser transformador. (SOARES, 2017, online).

As narrativas pessoais, ou autobiografias, podem transformar tanto o sujeito que conta algo sobre si, como quem ouve, ou quem lê. A biografia é uma forma de texto literário por meio do qual o autor conta a história sobre a vida de uma ou mais de uma pessoa. No caso do SP Invisível, temos uma mistura entre biografia e autobiografia, pois o coletivo SP Invisível se manifesta no texto escrito na *fanpage* pelas ideias e pelo texto de Vinicius e André, mas partem das conversas face a face com os moradores de rua, protagonistas dos relatos de vida presentes naquela. Sobre o tema assim coloca Alberti:

O pacto autobiográfico se dá, então, quando a identidade entre autor, narrador e personagem é assumida e tornada explícita pelo autor, [...]. Entretanto, se o pacto autobiográfico confere à identidade entre autor, narrador e personagem um caráter manifesto, isso não significa, ainda [...], que, no nível do discurso, não haja diferenças entre as três figuras. Dentro do texto, narrador e personagem remetem, respectivamente, ao sujeito da enunciação e ao sujeito do enunciado: o narrador narra a história e o personagem é o sujeito sobre o qual se fala. Ambos, porém, remetem ao autor, que passa então a ser o referente, fora do texto. (ALBERTI, 1991, p. 76).

Para Alberti (1991), o autor está fora do texto, enquanto personagem e narrador são os sujeitos da enunciação e do enunciado. Assim, há diferenças entre estas figuras no âmbito discursivo, o que é natural. No

caso da página, há uma busca por parte dos autores em divulgar a história conforme contada pelo sujeito, na tentativa de resguardar sua característica autobiográfica, permeada pelo filtro de permissão - seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento - do sujeito que viveu aquelas situação narrada. Segundo Alberti (1991) a verdade que se espera em um texto autobiográfico é a verdade íntima e individual do autor, a autobiografia é capaz de expor as fraturas, sofrimentos e desejos ao leitor.

[...] Se o que dizem é ou não verdade, não depende do que está escrito nem de que maneira, mas de como será lido. Cada leitor buscará sua porção de verdade ou mentira. Ele é o elemento que pode tentar determinar o que a teoria da literatura e a crítica literária ainda não conseguiram. [...]. (MOURA, 2014, p. 146).

Novamente a experiência estética e sensível que a literatura proporciona é o que pode legitimar a autobiografia - no caso da SP Invisível, os leitores comentam nas postagens e torcem pelos autores dos relatos, os moradores de rua, como se dialogassem com eles, ou seja, os leitores identificam a contação da história como uma autobiografia, embora os mediadores sejam os reais autores da página.

"Eu adorei esse presente, vai me ajudar muito, só o absorvente que eu não uso, mas pode deixar que eu vou dar para as meninas que passarem aqui. Mas a blusa é linda e o resto, vou usar tudo! Meu nome é Débora Soares Santos, nasci no Piauí. Tenho 34 anos e estou há dez na rua. Vim parar aqui por causa do álcool e das drogas. Foi aos poucos, eu fazia programas em Santo André e lá conheci todo tipo de droga. Experimentei muita coisa e não gostei, mas quando fumei uma pedra, eu me apaixonei. Passei a fumar uma vez por mês e depois todos os dias. Eu tento parar de fumar mas não consigo, já me internei 12 vezes em psiquiatria, mas quando eu bebia, eu começava a quebrar tudo e ficava ameaçando o psiquiatra, então me proibiram de entrar lá. Eu durmo aqui do lado da igreja e almoço no chá do padre, sou bem vaidosa, gosto de andar bem vestida e bem limpinha, tomo banho todo o dia, só não tomo quando eu bebo. A maior dificuldade pra mim é só a chuva mesmo. Tô solteira agora, o menino que eu ficava foi preso. Não existe amizade verdadeira na rua, o que eu mais tive foram amizades falsas, então eu gosto mais de ficar só. Meu sonho é morar com a minha família, faz um tempo que eu perdi o contato. Eles me aceitam, minha mãe até queria que eu

morasse com ela, mas eu e meu pai não nos damos bem, é que quando eu vou lá, não tenho como trabalhar, só ajudo em casa e ele não gosta disso." #SPinvisível #SPSemFrio #ACidadeQueNinguemVe

"Tenho dois netos e uma filha. Minha filha é da Renascer, ela acha que eu sou errado porque eu e minha esposa nos divorciamos, aí vim pra cá. Não vejo as crianças, não, nem a minha filha eu vejo. Sabe lá com qual idade eles estão.

Com 42 anos de idade, vim aqui pra rua. Hoje, to com 70, faz quase uns 30 anos que eu to aqui. Meu nome é Arnaldo Silva. Sobrevivo aqui na rua catando latinha todo esse tempo. Eu não tenho carroça, é só eu e o saco de lixo quase metade da minha vida. Quando eu divorciei, fui morar nesses albergues, numa pensão. Só que aquela era outra época, hoje eu não piso num desses. Prefiro ficar aqui na rua. Nada é difícil aqui. Meu sonho? Meu sonho é descansar num lugar como La Paz ou até mesmo Tubarão, aqui no Sul." #SPinvisível #ACidadeQueNinguemVe

Os relatos acima mostram como a *fanpage* é construída. São muitas autobiografias reunidas em um espaço digital de interação com o público leitor. Embora as histórias não contemplem a vida toda de cada um dos personagens, são suficientes para retratar dentro do processo de memória elementos importantes de cada caminho de vida percorrido:

[...] a realidade vai ser compreendida não como um tabuleiro de xadrez que tem todos os quadrados iguais, mas muito mais como uma colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos. [...]. Nesse sentido, usa-se o termo composição para designar os processos de tessitura das lembranças, permitindo compreender que só é possível organizar a memória utilizando as linguagens e os sentidos que foram formando em cada um de nós, dentro da cultura vivida, em cada trajetória pessoal e profissional, o tecido memorialista. (ALVES, 2007, p. 70)

Alves (2007) discute a memória como processo chave na construção das autobiografias, e a partir destes estudos, aponta um sentido psicológico nas memórias narradas, como necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver – quando contamos algo sobre nós mesmos, narramos o que pensamos que éramos no passado, nossa percepção sobre nós no presente e nossa projeção de nós mesmos

para o futuro. Da mesma forma, os sujeitos que contam suas vivências para o coletivo SP Invisível retratam a si mesmo, sob o olhar da sua aceitação sobre o que se foi e o que se é. Muitos contam as dificuldades e razões pelas quais acabaram morando nas ruas, outros defendem as razões pelas quais não tentam retornar para o convívio com suas famílias, outros relatam as complicações do dia a dia nas ruas.

O enunciado e a imagem como estética

A obra abrigada na *fanpage* SP Invisível é construída a partir de vários elementos estéticos, capazes de proporcionar uma experiência estética literária, bem como uma experiência sensível no leitor, no processo de recepção da leitura. Para a construção estética do SP Invisível há um elemento fundamental – a imagem.



Imagem 04: Invisíveis. Fonte: SP Invisível, 2017.

A base da SP Invisível é a imagem. Contudo, como mesmo afirma Vinícius, não é apenas o sujeito que mora na rua que não é visto – a visibilidade está em enxergar nestes sujeitos uma pessoa, dona de uma vivência, de uma história, situações que possibilitam a sensibilização para com o outro, ligando sua experiência às nossas. Assim, o papel da imagem neste processo de construção do enunciado é importante, pois a forma do enquadramento pode dar sentido valoroso a estes sujeitos que passam despercebidos

pela cidade. Santaella e Nöth ressaltam a construção de sentidos da imagem unida ao texto:

A relação da imagem e seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em ambos os casos, a imagem parece não ser suficiente sem o texto, fato que levou alguns semioticistas logocêntricos a questionarem a autonomia semiótica da imagem. A concepção defendida de que a mensagem imagética depende do comentário textual tem sua fundamentação na abertura semiótica peculiar à mensagem visual. A abertura interpretativa da imagem é modificada, especificada, mas também generalizada pelas mensagens do contexto imagético. O contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal. Porém, outras imagens e mídias, como por exemplo a música, são também contextos que podem modificar a mensagem da imagem. (SANTAELLA e NÖTH, 2008, p. 53).

Assim, embora a imagem possa por si produzir sentidos, estes podem ser variáveis de acordo com a recepção pelo leitor; todavia, quando envolta em um contexto, seja ele verbal ou composto por outros elementos midiáticos, o sentido pode ser preenchido e a abertura interpretativa da imagem pode, desta forma, ser especificada. O que se pode perceber na *fanpage* é que algumas imagens são postadas sem relatos, nos casos em que os sujeitos preferiram não contar sua história. De qualquer forma, a imagem está dentro de uma grande obra, as autobiografias do SP Invisível, e mesmo sem o texto escrito, continua sendo um enunciado de torna visível alguém que não é notado por nós.

Por outro lado, na maioria dos casos, a imagem é acompanhada de uma história, de um trecho autobiográfico, de um retrato sobre si mesmo:



Imagem 05: João Carlos dos Santos. Fonte: SP INVISÍVEL, 2017, *online*.

Já vai dar 36 anos dessa busca e a saudade é muita. Meu nome é João Carlos dos Santos e meu filho nasceu em 17 de agosto de 1979. Faltando três dias pra ele completar 10 meses, tiraram ele de mim. Nós estávamos dormindo na marquise da Eletropaulo, em Santos, e o bebê ficava no meio da gente. Ele já engatinhava, era um garoto esperto. Mas na madrugada de sábado pra domingo levaram ele. Desde então, eu e a mulher procuramos por todos os lados. Andamos esse Brasil todo, mas nunca ninguém viu. Se eu pudesse dar um recado pra ele, mesmo ele já sendo adulto, queria dizer que eu ainda quero ver ele. É um caso quase impossível no meio de milhares de pessoas. Mas eu ainda fico olhando, procurando pra ver se encontro ele, porque tenho certeza que vou reconhecer. Ele é muito parecido com meu pai. Depois disso vieram os outros bebês, mas a luta, a lembrança, não sai da cabeça.

Você vê a situação da vida da gente, se somar tudo que eu e a mulher já passamos dá muita coisa. Minha menina tá presa e outro menino, o Cristiano, tá nessa maldita droga. Foi por causa disso que eu saí de casa em Dois Córregos e voltei pra rua, pra ficar de olho no Cristiano. Mas Deus sabe que estamos na luta." #SPinvisível #SP

A imagem de João Carlos dos Santos busca mostrar os sentimentos do personagem ao falar sobre sua história. O enquadramento enfatiza o rosto, as marcas do envelhecimento, os olhos mareados, o olhar entristecido. A esta imagem se junta seu relato: a história de um homem que teve um filho tirado do convívio familiar por força da condição de vida nas ruas. A esperança que o move é a possibilidade de rever este filho, e de vê-lo bem, já que na sequência conta que os outros filhos que teve tempo depois se encontram, a menina presa, e o menino pelas ruas viciado em drogas. É a história de um pai, que luta

pelos filhos mesmo quando os vê na situação mais difícil, um pai que não desiste dos filhos – situação que pode tocar qualquer mãe ou pai e aproximar mundos.

Estas aproximações têm relação com as vivências dos personagens-autores-narradores, e com a recepção destes sentidos pelos leitores. Para Bakhtin (2003), o objeto estético condensa uma complexa rede de relações axiológicas envolvendo três constituintes imanentes: o autor, a personagem e o contemplador/receptor/espectador. O princípio básico da relação criadora é marcado por uma exotopia, um estar-do-lado-de-fora. O autor afirma que o receptor/espectador tem uma característica imanente: é uma função estético-formal que permite transpor, para o plano estético da obra de arte, manifestações do coro social de vozes. O usuário/contemplador é desterritorializado quando ocorre uma coincidência de identificação da imagem ou texto com o próprio usuário/contemplador - na perspectiva estética de Bakhtin, este é o movimento da exotopocidade.

Percebemos enfim que as imagens também constroem sentidos e são parte da obra enquanto elemento estético – são também recepcionadas pelos leitores que com elas interagem. Assim, os mediadores da obra representam um papel significativo neste processo de construção da imagem, e na produção de um enquadramento que possibilite uma leitura sensível e valorosa dos sujeitos que moram nas ruas da cidade de São Paulo.

Desfecho: O conteúdo da obra e sua experiência estética

Como já definimos, consideramos para esta pesquisa como experiência estética a “soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção.” (CUNHA, s/a, online). Para proporcionar

uma experiência estética são necessários elementos estéticos, que, no caso da obra literária, perpassam pela forma do texto e seus enunciados, a escrita, a apresentação do enredo, a forma como este é lido – estes fatores podem ser considerados as marcas do texto ou da obra. Analisamos alguns elementos que consideramos marcas da obra SP Invisível, por meio da *fanpage*, que também possibilitam chamar o conteúdo ali disponibilizado como uma obra literária.

O enredo é o conteúdo que se mostra em torno do conflito da história. No caso no SP Invisível, temos como conflito a invisibilidade dos moradores de rua, de suas vivências, de suas histórias, e da sua diminuição como seres humanos justamente por serem invisíveis, detentores apenas de sua vida nua – sem bens, desconhecidos pelos familiares, sem endereço, e muitas vezes até mesmo sem documentos. Esta invisibilidade vai se mostrando por meio das autobiografias que estes sujeitos contam, e pelas imagens deles, ressignificando-os como sonhadores, como batalhadores, como pessoas que mesmo distante se preocupam com quem deixaram, mesmo que seja para não lhes causar incômodo. Os narradores são os moradores de rua, embora haja um processo de editoração de suas falas e narrativas por parte dos organizadores do coletivo SP Invisível – André e Vinícius, há uma identificação por parte dos leitores com o sujeito que vive a experiência e o sujeito que a narra. A linguagem é próxima do cotidiano, alguns verbos são utilizados de forma suprimida, como “tô”, “”tá”, entre outros. A linguagem é informal, coloquial.

As personagens variam em cada relato, e são as protagonistas de suas próprias histórias, sempre contando algo sobre si, ou sobre as dificuldades que os moradores de rua enfrentam na cidade de São Paulo. A maioria das personagens é fotografada, e sua imagem acompanha seu relato – elementos estéticos constitutivos da obra.

O local das narrativas é a cidade de São Paulo e o tempo é o presente, e embora muitos falem de como no passado acabaram optando por viver nas ruas, esta fala vem do sujeito inserido na realidade paulistana atual. Porém, o tempo em que se passa a obra difere do tempo em que se lê.

[...] experiência estética tem muitos níveis, assim como diferentes temporalidades, dependendo de tantos elementos que entram em sua constituição e também do quanto cada um investe nela. Várias leituras de uma mesma obra literária constituirão experiências estéticas, em algum grau, diferentes. Por outro lado, um romance volumoso, por exemplo, pode exigir uma experiência que se construa em prazo longo. A literatura é uma arte no tempo, e a experiência estética de uma obra literária não se pode dar completamente antes da fruição /conhecimento de toda a obra. (CUNHA, s/a, online).

O tempo em que se lê a *fanpage* SP Invisível está ligado à sua característica estética primordial como obra - sua alocação no ciberespaço. Este fator transforma a experiência literária a partir do hipertexto, transformando a forma que se lê e o tempo em que se lê, bem como as possibilidades de interação do leitor com a obra.

Um hipertexto é uma matriz de textos potenciais, sendo que alguns deles vão se realizar sob o efeito da interação com um usuário.

[...] O virtual só eclode com a entrada da atividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá a leitura. [...] a digitalização e as novas formas de apresentação do texto só nos interessam porque dão acesso a outras maneiras de ler e de compreender. (LEVY, 2017, p. 22-23).

Para Levy (2017), o hipertexto não é a mera digitalização do texto, mas a transformação da recepção do texto pelo leitor, que interage com o texto.

No caso do hipertexto, o caminho da leitura é multilinear, não seqüencial e integrador de linguagens diversas (textos, imagens, sons), consequentemente, o leitor pode construir seu próprio percurso de leitura. A interatividade prevista no hipertexto permite que o leitor estabeleça conexões, tendendo para uma

descentralização do texto, ou seja, não existe um texto central ou mais importante, não existe uma hierarquia no texto. [...] No hipertexto, o leitor tem independência para escolher qual roteiro previamente estabelecido deseja seguir, arriscando-se no texto, aceitando ou ignorando determinados caminhos de leitura. Neste sentido, o autor perde um pouco da autoridade sobre o texto, passando a compartilhar a responsabilidade narrativa com o leitor. (SILVA, 2007, p. 22-23).

Silva bem descreve o hipertexto SP Invisível e sua fruição pelos leitores – o leitor pode escolher clicando em fotos, e pela foto optar pela história que deseja conhecer. O leitor pode aguardar a próxima postagem ao seguir a página e, assim, a cada postagem será atualizado e poderá desfrutar da leitura de mais uma história de vida. O leitor pode ler uma história por dia até conhecer todas as histórias e posteriormente seguir os próximos capítulos.

O leitor ainda poderá comentar em cada relato, e conversar com outros leitores trocando perspectivas acerca de suas compreensões, ou poderá postar mensagens para os organizadores da *fanpage*. Os leitores poderão também divulgar as histórias que mais lhes sensibilizam, compartilhando esta história em sua própria linha do tempo, dando acesso a seus amigos e conhecidos para o referido capítulo da obra SP Invisível. O leitor estabelece uma relação intensa com a navegação no ciberespaço. Silva (2007) colabora com este posicionamento: o leitor ativo, que foge da linearidade da informação, constrói uma mensagem nova a partir de sua fruição, recepção, assimilação. O texto, para a autora, passa a ter “inúmeros formatos e variadas significações [...]”. (SIVA, 2007, p. 25).

A imagem que retratou João Carlos dos Santos, em conjunto com seu relato de vida, obteve 150 compartilhamentos, 1.700 (uma mil e setecentas) reações, e 40 (quarenta) comentários na página (até a data de 20 de setembro de 2017). Dentre os comentários mais relevantes (ferramenta do sistema) selecionamos os seguintes:

Helen Lopes Depois de ler essas coisas, me dá vergonha do tanto que reclamo da vida

Marta Viana João espero que ainda você possa ver sua criança, acredito que tudo nessa vida é possível, A vida muda, mesmo quando acha, os que o que vivemos é o limite, beijos no coração.

Leonardo Cabral Cada um representa como pode, ne? Além de me sensibilizar, bati o olho e vi que valia a pena um desenho...



Maria Carla Vejo tanta saudade nos olhos dele que os meus transbordam tristeza...

Gentil Jorge Alves Junior não é depoimento , é poesia dolorosa.

Patricia Padilha Que dor, não saber onde anda um filho...

Percebe-se pelos movimentos realizados pelos leitores que a história se espalha para públicos que talvez não tivessem buscado a obra inicialmente, por meio dos compartilhamentos. Percebe-se que na história a melancolia toca os leitores, tanto na imagem como na narrativa, e o distanciamento e busca pelo filho que lhe foi tirado é um elemento de conexão entre personagem e leitor. Almeida (2014) reforça essa tangencialidade entre a estética e a sensibilidade da obra na construção de uma experiência literária total, entende que o leitor guiado pela narrativa experimenta os pensamentos conflitantes do personagem. O autor aponta que os elementos emocionais dos discursos são capazes de levar o leitor por um processo de esquecimento de si e ao mesmo tempo de uma confirmação e um deciframento de si mesmo.

A experiência leitora tem um forte apelo existencial. Ela pode causar certos conflitos. O sujeito, ao ler, pode se deparar com uma história que lhe seduza pelos questionamentos endereçados a ele mesmo, fazendo-o pensar diferentemente, ou que lhe

exerça uma atração pelos argumentos que afirmam aquilo que ele já pensava. A literatura pode incitar o leitor a uma determinada ação no mundo.

A leitura nos distancia de nós mesmos pelo viés de uma alteridade singular: a do pensamento de outrem. Entretanto, ela, por outro lado, nos aproxima de nós mesmos, devido ao retorno da questão, através da reflexão sobre o objeto literário. A leitura marca nosso corpo com os depósitos de uma reflexão vinda de outrem, possibilitando-nos olhar o mundo por um prisma diferente. (ALMEIDA, 2014, p 153).

A experiência literária total engloba então não apenas os elementos estéticos, mas também os elementos patêmicos, sensíveis e emocionais presentes nos enunciados.

Sobre as histórias contadas no ciberespaço de forma hipertextual, Leão (2004) expõe que uma das formas que mais tem se destacado são as criações de bancos de dados de histórias, projetos que criam arquivos de memória coletiva. Embora o objetivo do SP Invisível não seja a manutenção da memória, mas o resgate da humanidade pode fazer sobressair alguns dos valores permeados pelos bancos de arquivos de memória:

Apesar de simples em suas concepções, esse projetos, à medida que resgatam a importância das narrativas do homem comum, acabam gerando uma revalorização do cotidiano. Ouvir histórias de vida de qualquer pessoa não só propicia o compartilhamento de lembranças e experiências mas principalmente, atua na criação e fortalecimento de elos. [...] (LEÃO, 2004, p. 173).

A autora consigna ainda que a partir das cibernarrativas, o indivíduo e o coletivo se encontram e se constituem, tornando este processo revelador dos sujeitos e de suas conexões entre os grupos. Ressalta ainda que o compartilhamento de experiências como histórias de vida podem estimular a generosidade e que as cibernarrativas se tornam exemplos criativos de práticas coletivas. (LEÃO, 2004, p. 178-179).

Uma obra literária é uma produção de leitura que pode construir no receptor/leitor uma experiência

estética e sensível, e por isso a consideramos arte. E se os elementos que constituem a obra literária são seu conteúdo (ideias transmitidas ao leitor), sua forma (elemento de expressão que veicula as ideias) e seu estilo (individualidade do autor em expressar suas ideias), é possível identificar a *fanpage* SP Invisível como uma narrativa coesa, que proporciona ao leitor uma experiência literária. Seu conteúdo humanístico que dá visibilidade à comunidade das ruas de São Paulo, sua forma hipertextual desregrada e o estilo narrativo autobiográfico editado pelos organizadores da página proporcionam aos leitores uma nova forma de interação com os enunciados, diferente dos livros, condizente com o tempo acelerado da realidade contemporânea e com a desterritorialização dos sujeitos.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

IMAGENS

Imagem 01: Fotografia inicial. Fonte: SP INVISÍVEL. Fanpage. IN: Facebook. Postado em 11 de março de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/spinvisivel/photos/a.598272883590717.1073741828.598268693591136/598272886924050/?type=3&theater>>. Acesso em: setembro/2017.

Imagem 02: Capa. Fonte: SP INVISÍVEL. Website do Coletivo SP Invisível. s/a. Disponível em: <<https://spinvisivel.org/>>. Acesso em: setembro/2017.

Imagem 03: Livro. Fonte: JOVEM PAN. A cidade quem ninguém vê: moradores de rua viram personagens de livro. Postagem de 09 de janeiro de 2017. Disponível em: < A cidade quem ninguém vê: moradores de rua viram personagens de livro>. Acesso em: setembro/2017.

Imagem 04: Invisíveis. Recorte da página de fotos. Fonte: SP INVISÍVEL. Fanpage do Coletivo SP Invisível. s/a. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/spinvisivel/photos/?ref=page_internal>. Acesso em setembro/2017.

Imagem 05: João Carlos dos Santos. Fonte: SP INVISÍVEL. Fanpage do Coletivo SP Invisível. Postagem de 10 de janeiro de 2017. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/spinvisivel/photos/a.598272883590717.1073741828.598268693591136/1207549505996382/?type=3&theater>>. Acesso em: setembro/2017.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. IN: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6809/414.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: setembro/2017. ALMEIDA, Leonardo Pinto de. *A experiência total da leitura literária*. IN: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 2014. V. 66, n. 2. p. 143-158. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200011>. Acesso em: setembro/2017.

ALVES, Nilda. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. IN: Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Histórias de vida e formação de professores**. Boletim 01. Março 2007. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/104711Historias2.pdf#page=68>>. Acesso em: setembro/2017.

ASSINI, Tania Cristina Kaminski Alves. Contribuições da estética da recepção para leitura do texto dramático no ensino. Disponível em: <<http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/1-EncontroGrupoPesquisaArteEducacaoFormacaoContinuada/09TaniaCristinaKaminskiAlvesAssini.pdf>>. Acesso em: setembro/2017.

BAKHTIN, Mikhail. O Autor e a Personagem na Atividade estética. IN: **Estética da criação Verbal**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. IN: **Revista Estudos Históricos**. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV). Rio de Janeiro, vol. 2, n. J. 1989. p. 29-42. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/>>

article/view/2277/1416>. Acesso em: setembro/2017.

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. Disponível em: <<https://veele.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-a-mensagem-fotografica.pdf>>. Acesso em: setembro/2017.

BULL, G. e ANSTEY, M. **Evolving pedagogies, reading and writing in a multimodal world**. Austrália: Education Services Australia, 2010.

CARVALHO, G. S. **As Histórias Digitais: Narrativas no Século XXI**. O Software Movie Maker como Recurso Procedimental para a Construção de Narrações. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Experiência estética literária. IN: **Glossário Ceale**, Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/experiencia-estetica-literaria>>. Acesso em: setembro/2017.

DIAS, Reinildes; DELL'Isola. Regina Lúcia Péret. **Gêneros textuais: teoria e prática de ensino em L.E**. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2012.

IDEIA FIXA. *Website* de notícias e inspiração diárias. **Sobre o SP Invisível**. Disponível em: <<https://www.ideafixa.com/oldbutgold/sp-invisivel>>. Acesso em: setembro/2017.

ESPESCHIT, Gustavo. Conceito de gênero para Aristóteles e para Bakhtin. IN: **Rascunhos e narrativas**. Disponível em: <<http://rascunhosenarrativas.blogspot.com.br/2012/08/conceito-de-genero-para-aristoteles-e.html>>. Acesso em: setembro/2017.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo/RS: Unisinos, 1999.

LEÃO, Lucia. Cibernarrativas ou a arte de contar histórias no ciberespaço. IN: Leão, Lucia. **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 163-180.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves do original “Qu’est-ce le virtuel?”. E-book digitalizado, acesso online gratuito. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interfaced/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf>. Acesso em agosto/2017.

MARCUSCHI, L.A. e XAVIER.A.C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Lucerna: Rio de Janeiro, 2005.

MOURA, Adriano Carlos. **Autobiografia: gênero literário ou forma de recepção?** IN: Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli. v. 3, n. 2, p. 142-152, mai.-ago. 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. IN: **Mana**, vol.14 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2008; p. 455-475. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132008000200007&script=sci_arttext&tlng=ES>. Acesso em: agosto/2017.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. IN: **Projeto história**. Revista do programa de estudos pós-graduados de história; vol. 14. São Paulo, 1997; p. 41-91. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11234>>. Acesso em: setembro/2017.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Impetus, 2008.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2000.

SIGNIFICADOS. Verbetes **Arte**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/arte/>>. Acesso em: setembro/2017.

SILVA, Luciana Cristina Lourenço da. **O livro depois do livro: a experiência literária hipertextual em Giselle Beiguelman**. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Orientadora: Magnólia Rejane Andrade dos Santos. Maceió, 2007. Disponível

em:
<<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/511>
>. Acesso em: setembro/2017.

SOARES, Carla. Falar de si mesmo: a experiência narrada também é literatura? IN: **Mulheres que escrevem**. Postado em 12 de abril de 2017. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/falar-de-si-mesmo-a-experi%C3%Aancia-narrada-tamb%C3%A9m-%C3%A9-literatura-386bdb5337c8> >. Acesso em: setembro/2017.

SP INVISÍVEL. **Fanpage SP Invisível**. IN: *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/spinvisivel/about/?ref=page_internal>. Acesso em: julho/2017.

SP INVISÍVEL. **Página web do coletivo SP Invisível**. Disponível em:

<<https://spinvisivel.org/>>. Acesso em: julho/2017.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

VIANA, Rodolfo. Movimento SP Invisível quer criar livro de perfis de moradores de rua. IN: **Folha de São Paulo**, 14/10/2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/10/1822575-movimento-sp-invisivel-quer-criar-livro-de-perfis-de-moradores-de-rua.shtml>>. Acesso em: julho/2017.